

Entre partilhas e ausências: da impossibilidade de ser em Com armas sonolentas, de Carola Saavedra

Thais Rabelo¹

“Quem é você, de verdade?”, é a pergunta feita por uma das personagens do romance de Saavedra. Esse salto no escuro que tal questionamento promove, em tempos de atravessamentos no contemporâneo, talvez seja isso: um mergulho inacabado, uma incerteza sempre a ser refeita, uma constatação no agora outra no amanhã que busca o passado. Assim, as personagens em *Com armas sonolentas*, de Carola Saavedra, movimentam os sentidos de uma busca intensa, da vontade de se sentir em casa, primeiro no lado de dentro para depois habitar o mundo aqui fora. Entre a partilha da experiência individual e a nomeação desta para o coletivo há sempre um entrave, seja porque é necessário caber na medida exata do que os grupos sociais dos quais se quer fazer parte instauram como possibilidade de ser, ou porque os modos de dizer desta experiência necessariamente também não serão os modos de compreensão do coletivo, que aqui no romance se instauram na figura do núcleo familiar possível.

Carola Saavedra, escritora e tradutora, nascida no Chile, se mudou para o Brasil com três anos de idade, é autora de romances premiados, tais como *Flores Azuis* (2008) - eleito melhor romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, finalista dos Prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti, e *Paisagem com Dromedário* (2010) - Prêmio Rachel de Queiroz na categoria Jovem autor, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti. Nas ficções da autora, a preocupação com o espaço da escrita, esse lugar de interlocução e de tantos silêncios, se configura dentro de muitos desdobramentos.

Com armas sonolentas, publicado em 2018, dentre tantas possíveis leituras, é um romance que toca nas questões relativas à família e sujeitos invisíveis, seja no cotidiano ou em outras áreas sociais. Dividido em duas partes, a Parte I “O lado de fora” conta o início de tudo, de maneira indireta. Subdivide-se em três histórias, com capítulos com os nomes das protagonistas: Anna, Maike e Avó- essa última personagem sem nome, com forte vínculo com sua avó.

Anna é uma atriz que para se sustentar trabalha como vendedora numa loja de Ipanema. Ao conhecer Heiner, diretor de cinema alemão, vê nesse relacionamento a oportunidade de alavancar sua carreira. Decide ir para Alemanha e deixar tudo para trás, sua “segunda

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura pelo programa de pós-graduação em Letras da UFPE (PPGL/UFPE) e bolsista da CAPES.

chance”. Não conhecia a Alemanha, muito menos falava o idioma, ao morar em Mainz, a língua e tudo que ela possibilita na malha textual, seus códigos, ironias, simulações, se torna um mundo impossível: “Anna se olhava no espelho e não se reconhecia. [...] Alguém fora de seu idioma e de seu código social.” (SAAVEDRA, 2018, p.37).

Em trechos adiante, seguimos junto na travessia do não pertencimento e da instabilidade causada no que acreditava ser a coerência de sua identidade, de tudo que havia feito e deixado: “e o que Anna sentia era um desânimo tão grande, a sensação de que ela não era mais uma atriz, e, se ela não era mais uma atriz, o que restava era muito pouco, quase nada, uma tristeza, melancolia, sim, era essa a palavra.”(SAAVEDRA, 2018, p.43-44.). Depois desse episódio, Anna percebe que o lado de fora estava se tornando cada vez mais solitário, sem nenhum laço externo para dialogar ou apenas conviver em silêncio com sua solidão.

Já a personagem Maike, uma jovem alemã, com carreira de advocacia já prevista pelos pais, decide de última hora estudar português na universidade. Fora de lugar, até então a personagem não se conhecia, somente seu silêncio, “Eu, um objeto descombinado. Eu não sabia onde me colocar.” (SAAVEDRA, 2018, p.73). A partir do contato com a língua na Universidade, descobre outros lugares possíveis de se vivenciar, inclusive o do corpo e do afeto, algo que não fluía muito bem com os pais, em especial com a mãe, já que convivia numa rotina de silêncios e fingimentos.

Assim, era a descoberta do idioma que a “transportava para um lugar desconhecido, em que eu, por mais improvável que parecesse, me sentia em casa” (p.101). E, no final, desse lado de fora, Maike, diante de todas as mudanças que vivencia, tanto internamente quanto externamente, não consegue mais ficar apenas em um lado: “Eu não quero voltar a ser a pessoa que eu era, porque a pessoa que eu era não sou eu, e o que restou de mim eu desconheço, você entende?” (SAAVEDRA, 2018, p.104).

Da parte denominada “Avó”, conhecemos uma menina que saiu de casa muito cedo, aos 14 anos, obrigada a se desfazer dos laços com sua avó e de todo o microcosmos que conhecia para trabalhar como empregada doméstica no Rio de Janeiro. Trabalho esse de exploração, que resumia sua vida aos limites do apartamento da patroa, Dona Clotilde: “quando chegou o quarto era um quarto bem pequeno com uma porta e só, um quarto sem janela, e lá dentro cabia apenas uma cama de ferro, colchão e uma cômoda, para você guardar suas coisas.” (SAAVEDRA, 2018, p.139).

Desta maneira, os dias da personagem era entrecortados apenas pelas lembranças do convívio com a avó, dos diálogos que não era capaz de compreender, no entanto, de um afeto que a fazia se sentir em casa, pertencendo a algum lugar, mesmo diante da pobreza extrema

em que viviam. No convívio com a avó que estavam ancorados os seus aprendizados, uma parte de ver o mundo, possibilidade essa negada na casa que agora se encontrava, já que: “[...] ela trabalhava de seis da manhã às dez da noite, e estava sempre cansada e como estava cansada fazia as coisas cada vez mais devagar.” (SAAVEDRA, 2018, p.141).

Nessa rotina solitária, depois de descobrir que a avó morrera, percebe que:

[...] ainda pensava muito na avó, tentava lembrar do que a avó dizia, como fazia nos primeiros tempos, aquelas palavras de espíritos e ervas, mas as palavras da avó se tornavam cada vez mais distantes, mais incompreensíveis, e isso era como se a avó morresse uma segunda vez e a deixava ainda mais triste, não ser capaz de evitar ao menos essa segunda morte, esse esquecimento. (SAAVEDRA, 2018, p.144).

Uma história de abusos, inclusive, sexuais, e de intervenções forçadas, acaba engravidando do filho da patroa. Esse bebê seria para ela a primeira vez que teria alguma coisa na vida, no entanto, sua filha também seria alguém fora de lugar, e mais adiante, a recusa da filha ao lugar que a mãe ocupava, “era uma recusa de tudo o que ela era” (p.157).

As identidades das personagens se movimentam junto com os questionamentos provocados tanto pelos fatores internos e externos que vão permeando os espaços em que se encontram. Dada a fragmentação do sujeito moderno, como ressalva Hall (2005), as identidades agora não conseguem mais compor um quadro estável de referências tanto para o mundo social quanto para o indivíduo. Essa ancoragem estável agora é dissipada em algumas possibilidades, por vezes, momentânea, de trocas entre sujeito e o mundo social. Se as identidades estão nesse processo de deslocamento ou fragmentação, como bem observa Hall (2005), as narrativas que o indivíduo constrói sobre si estão abaladas também: “Esse duplo deslocamento- descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos- constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo”. (HALL, 2005, p. 9).

No romance, as personagens ou estão em trânsito, por escolha, mas também perdendo muito do seu referencial culturalmente construído, não conseguindo entender ou se adaptar ao novo quadro de referências, e, dessa forma, o entendimento de si se torna um caminho repleto de contradições ou de questões mal resolvidas, no caso de Anna e Maíke, por exemplo. E ainda temos a personagem sem nome que foi forçada a sair de seu lugar estável, de sua concepção e valores já internalizados e definidos para ocupar um lugar diferente, descosturado de sua vivência e do qual não possuía nenhuma referência, sendo um processo ainda mais difícil de recomposição desse eu diante do novo cenário que o cotidiano lhe apresenta, tanto social quanto cultural.

No entanto, esses processos não são tão simples nem óbvios, cada sujeito segue tentando montar seus pontos de significações, referências e afetos, na tentativa de se localizar, de alguma forma, dentro desses recortes de ancoragem possíveis, uma vez que, o processo de deslocamento seja físico ou subjetivo, se torna por vezes inevitável, as identidades não são mais fixas, e sim, possíveis: “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2005, p.13).

Candau (2021), ao pensar sobre as imbricações entre memória e identidade, e traçar um panorama sobre os estudos dessas temáticas, constata que as duas, memória e identidade, estão ligadas, buscando articular tanto as formas individuais quanto as coletivas da memória e da identidade. Dessa forma, reitera que: “é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (CANDAU, 2021, p. 16). Restituir fatos do passado ou relembra-los, para as personagens do romance de Saavedra, se tornam uma chave para entender alguns quebra-cabeças do presente, coisas que foram ficando pelo caminho sem mais devidas explicações, ou mesmo uma forma de especulação sobre seus sentimentos e maneiras de entender, sentir e ver o outro e a si mesmo, e, nesse sentido, uma maneira de articular uma narrativa de si mais coerente, ou mais palpável, e, por consequência, dos outros também que formam seu círculo social.

No romance *Com armas sonolentas*, quando conseguem externalizar em palavras a história ou alguns momentos da sua vida, as personagens ganham novo fôlego, é assim que Anna: “Contou então de Heiner, a história toda, com pequenas elipses e modificações, pela primeira vez, a história toda, e sentiu que somente então a história começava a existir, a pessoa que ela era ou que ela estava se tornando” (SAAVEDRA, 2018, p.49). Maíke também sentia que sua vida era cheia de perguntas a serem respondidas, e ao chegar ao Brasil, consegue aos poucos se situar: “no meu caso, essa pessoa que eu me tornava, apesar de um pouco tosca, me parecia muito mais próxima de mim do que a vivia na Alemanha” (p.217). Por isso, a importância da memória alinhada a tessitura da identidade, pois: “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. (CANDAU, 2021, p. 59-60).

Os estudos de Halbwachs (2006) junta-se a esse coro de vozes, com suas contribuições sobre os contextos sociais da memória. Quando se pensa as diversas representações sociais, não há como escapar dos modelos e da herança que vão se sobrepondo aos discursos individuais, de forma que, não se sabe quando ou em que momento esse discurso é tão nosso,

singular, quanto ilusório. Os contextos sociais da memória são uma forma de entender os jogos e contextos das diversas formas de circulação dos sentidos na coletividade, já que somos formados dentro de grupos sociais e microcosmos de ação, tais como a família, a igreja, as cidades.

Pensar essa memória coletiva não significa dizer que não há memória individual, mas que esta se encontra muitas vezes associadas a determinados contextos ou contingências: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2006, p.69). Esse recordar em comum, conforme disserta o autor, intensifica a forma como se lembra, pois não se está mais sozinho ao representá-lo, nesse sentido, lembrar é também um caminho de reconstrução.

É assim que na segunda parte do romance, “O lado de dentro”, temos uma tentativa de resgatar através das palavras uma história que traga mais conforto e pertencimento, as personagens seguem na contradição de ser uma continuidade de expectativas, pois, por mais que consigam ou tentem se sentir em casa novamente, as experiências continuam em constante trânsito sejam espacialmente, sejam subjetivamente.

Anna, retorna ao Brasil, com uma peça em cartaz, espécie de autobiografia sobre sua relação com a maternidade e o abandono da filha. Também conhecemos mais da sua relação com a mãe, ou da não relação com a mãe. “sentia mais raiva ainda da minha mãe, daquele jeito calmo e frágil da minha mãe, [...] Eu não queria ser filha de um cão escorraçado.” (SAAVEDRA, 2018, p.171). Maíke vai estudar português no Brasil, e apesar de sentir em casa, e mais próxima de si, “por, outro, havia a permanente sensação de não pertencimento, a cidade que a todo instante avisava: não se engane, não se engane, que esse véu de boas-vindas logo se desfaz.” (SAAVEDRA, 2018, p.218).

A última personagem, sem nome, reflete sobre sua relação com a patroa, da criação da filha, e da descoberta de uma neta, que até então nunca imaginara ter:

[...] e a raiva veio feito um redemoinho virando ódio virando pena e virando mágoa e virando ódio e virando culpa, e pena e mágoa e culpa, um bebê, ela pensou, como se o bebê fosse dela, uma menina, como se a menina fosse dela, fosse a filha, e, ao mesmo tempo, como se a menina fosse ela própria, entregue, abandonada, mas fosse também a mãe e até a própria avó, uma sucessão incessante de entregas e abandonos, quando teria começado isso? (SAAVEDRA, 2018, p..247-248).

As experiências representadas nessa tecitura de histórias sobre mulheres são um terreno fértil para várias reflexões. O que se destaca, nesse sentido, é uma busca e ao mesmo tempo um grande silêncio, um incômodo, que é a comunicação da experiência de si para o outro. A necessidade de falar, de ser corpo de palavras para fundar sua existência, no entanto, há uma

falha na mensagem, há uma ausência dessa escuta. Dentro dos núcleos sociais, a hierarquia de espaços discursivos, em grande parte, ainda são um lugar de ausência para as mulheres. No núcleo familiar, ainda que sejam a figura central, no papel de mãe ou filha, há sempre algo para não falar, uma espera pelo melhor momento do outro, um outro inalcançável ao discurso. O silêncio é uma das vias de resolução dos conflitos internos, e, assim, só se tornam conflitos, só causam desequilíbrio quando nomeados, quando jogados ferozmente em algum momento da convivência coletiva.

A memória e a linguagem, ainda que saturadas pelos excessos de estímulos e lugares para arquivá-las ou transformá-las, funcionam como ponto de apoio para situar e valorar o caminho da experiência. Por isso que, dentro do contexto privado ou público que as personagens transitam no romance, acessar essa memória todos os dias é um exercício de revisitação, sempre em processo, da imagem que vamos mapeando enquanto exercício de interpretação/reinterpretação. Dessa forma, mesmo conectadas por temas em comum, observamos várias perspectivas e pontos de vistas, que só se tornam possíveis diante da pluralidade de vozes que o território da literatura contemporânea consegue colocar em visibilidade, como aponta Dalcastagnè (2012).

A memória enquanto forma de ação política, no caso, a partir das experiências narradas pelas personagens, agenciam o que Bezerra (2007) reflete, ao pensar sobre as mulheres e suas formas de ligação com a memória e a comunidade, o fato de que a representação de trajetórias de vidas até então mobilizadas dentro do cenário cultural/social permitiam apenas o conhecimento de experiências e identidades hegemônicas, e que a partir do momento em que as mulheres reescrevem essa cena, temos diferentes perspectivas dentro do já conhecido, uma vez que a noção de tempo promove deslocamentos que estão em constante processo de rearticulação.

Assim, trazer à tona essa especulação da memória significa também repensar novas formas de olhar e captar “elementos normalmente trivializados”, o que significa desestabilizar os lugares de inscrição dessa memória conectada aos aspectos da vida diária que normalmente são silenciados: “uma das implicações políticas dessa prática reside no fato de que esse rememorar traz para o primeiro plano um universo frequentemente omitido ou romantizado pelo discurso oficial” (BEZERRA, 2007, p.55).

Desta maneira, os deslocamentos e os processos de construção/desconstrução identitárias vivenciados pelas personagens, por exemplo, passam por uma reflexão dos lugares que ocupam, da problemática de gênero, da formação cultural e formal que tiveram, ou da ausência dessa formação, bem como do acesso aos bens culturais e sociais. Dependendo

dessas variáveis, cada personagem transita de forma diferente e alcança experiências igualmente distintas.

Ao trazer o cotidiano individual, familiar e social para a cena literária, a rememoração não apenas repete uma forma de pensar e entender o passado ou o presente, mas também reatualiza práticas e hábitos que rompem com práticas discursivas já cristalizadas. Assim, retomando as reflexões de Bezerra (2007) para se pensar a memória e suas pluralidades sócio discursivas: “esse rememorar envolve a criação de espaços excêntricos marcados por um movimento que permite imaginar outras alternativas de ser e saber” (p.56).

Escrever a si é inventariar uma forma de se tornar matéria novamente, assim, os personagens experimentam através da palavra não somente o direito sobre si, como também o sentimento de ausência/presença em relação aos espaços de afetos e relações sociais, uma vez que o lugar é parte de sua construção identitária, essa impossibilidade de ser/estar é forjada também dentro das conexões com o espaço que habitamos. O lugar que fixamos e construímos o arcabouço de imagens e lembranças impactam intimamente no modo como nos projetamos para o mundo.

Neste sentido, as personagens representadas nas ficções de Saavedra propõem novas configurações da experiência, uma vez que tomam a palavra como artifício da escolha, do que lhe é comum, mas também reordenam as condições do que lhe foi vedado. Há uma desordenação dos lugares de legitimação do dizer, ver e ser, e o espaço da memória funciona como o lugar aparentemente seguro que acomoda todo esse trânsito de vivências, o fato de sentir alheio ao sentido de pertença, ou ainda, de reconfigurar o que é esse pertencimento na contemporaneidade.

Anna consegue achar um espaço público possível para dramatizar os modos de dizer, sentir e ser no seu mundo, a partir da peça de teatro. Maike também pode reinscrever sua cena e procurar voz própria, que não seja a dos pais ou da espera da namorada. Ela viaja, e nesse espaço de transição vai tentando ordenar as experiências do agora e do depois. Somente para a personagem conhecida na passagem Avó que não temos o mesmo agenciamento externo dessas experiências, elas não vão para o mundo, não são reinvidicadas no lado de fora, continuam a ser processadas no lado de dentro, do fórum privado, e é nesse caminho cheio de certezas impostas pelo outro, que a personagem vai desbravando e conhecendo também suas próprias vontades, que antes pensava nem existir, ou que não valesse muito a pena pensar nelas, já que nada mudaria o externo, sua vida social repetida todos os dias.

Falar de experiências, nesse sentido, é conectar narrativas individuais e coletivas e transformá-las em um objeto palpável, algo que comunique a alguém, ou o faça sentir algo.

Beatriz Sarlo (2007) ao pensar o narrar e a experiência, lembra que é a linguagem que possibilita voz ou melhor “liberta o aspecto mudo da experiência” transformando a “no comunicável, isto é, no comum” (SARLO, 2007, p.25). Para a autora, é a capacidade de narrar que inscreve a experiência numa espécie de temporalidade em suspensão, além de criar também uma temporalidade própria que se atualiza a cada variante.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Kátia. *Vozes em dissonância: mulheres, memória e nação*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

CANDOU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. de Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAAVEDRA, Carola. *Com Armas Sonolentas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.